

A Restauração dos Lugares do Passado

João Baptista Ferreira de Mello*

RESUMO

O artigo, com vistas ao resgate da memória dos lugares do passado, baseia-se nos princípios da Geografia Humanística, utilizando o conceito lugar como recurso para desbravar/desvendar geografias íntimas e coletivas, hodiernas ou pretéritas em diferentes ordens de grandeza, seja a casa

da infâncial/adolescência, bem como um logradouro muito caro à cultura carioca e pulverizado em sua forma material, seja um bairro da cidade do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; lugar; geografia humanística; casa; Rio de Janeiro.

O conceito lugar, tradicionalmente explorado pelo saber geográfico, confunde-se com a trajetória do aporte humanístico assumindo, no âmbito desse horizonte, o sentido de lar, por ser pleno de experiências e desenvoltura, ao mesmo tempo, uma pausa de estabilidade e bem-estar, além de morada acolhedora e introjetado campo de movimento e pertencimento a ser defendido. Estes princípios foram apreendidos e adaptados da filosofia fenomenológica e a partir do dinamismo do mundo vivido, um todo inseparável composto de pessoas, base territorial, pertences, eventos, conhecidos e toda sorte de elementos que permite ao indivíduo sentir-se em casa (Schutz, 1979, Tuan, 1983, 1998; Buttimer, 1985a, 1985b, Daniels, 1985, Mello, 2000).

Lugar é, portanto, a palavra-chave, ou melhor, o conceito base para se desvendar/desbravar geografias íntimas e coletivas, hodiernas ou pretéritas em diferentes ordens de grandeza, seja a casa, a rua, o bairro vivido, bem como os locais de trabalho, lazer, encontros, estudos, ou, simbolicamente, a cidade, as províncias paradisíacas e a pátria (Tuan, 1991). Nesse turbilhão de per-

manência, entendimento, trocas, ações, conflitos, sonhos, delírios e afetividade, nossas geografias perpetuam-se, porquanto o lugar transcende a materialidade, ainda que não dissociado desta, pois as lembranças espaciais eternizam-se em nossas memórias e aos objetos os homens atribuem significados que são construídos na vivência individual ou dos grupos. Assim, as marcas e as formas concretas não se limitam unicamente à existência/aparência física do objeto, visto ser esta visibilidade “meramente um veículo de significado em potencial” (Wagner, 1979, p.20).

A geografia humana está preocupada com a organização do espaço. Os geógrafos da ala humanística não negam tal perspectiva, retrabalhando o conceito lugar a partir das experiências vividas, do sentimento e do entendimento dos indivíduos e grupos sociais, apontando a sua multidimensão e as diversas vias para sua compreensão (Tuan, 1985).

Diante do exposto, o presente texto se ocupa, especificamente, com a restauração dos lugares do passado efetivada em cerimônias como o retorno/lembranças e a memória herdada/assi-

milada (Tuan, 1985, 1991; Mello, 1991, 2000). Por um lado o artigo dedica-se à recomposição criativa da casa da infância e, por outro, da memória compartilhada na recuperação da Praça Onze dos bambas, o “berço do samba”, afora um bairro mutilado e igualmente situado na cidade do Rio de Janeiro. Estes lugares são as sentinelas luminosas a nos conduzir na tentativa da compreensão dos lugares eternizados na memória. Distingue-se, assim, a memória pessoal não “inteiramente isolada e fechada”, na medida em que

um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual, não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (Halbwachs, 1990, p.54)

Neste ponto, então, convém ressaltar: toda memória biográfica faz parte da história em geral, ainda que nossa memória não se confunda com a dos outros. Ao mesmo tempo, a memória coletiva advém de

acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci a não ser pelos jornais ou pelos depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Eles ocupam um lugar na memória da nação. Porém, eu mesmo não os assisti. Quando eu os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros. (...) carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou pela leitura, mas é uma memória emprestada. (Halbwachs, 1990, p.54)

Segundo o geógrafo Lowenthal (1985), “o passado é um país estrangeiro”, endereço de di-

ficil domínio e penetração. Porém, o estoque de lembranças individuais e a memória coletiva/ intersubjetiva têm sido cada vez mais utilizados como tentativas, ancoradouros e (re)descobertas dos lugares de outrora (Mello, 2000).

A casa da infância, cenário dos dramas da vida (Godkin, 1985) e “reservatório de lembranças e sonhos” (Tuan, 1983, p.184), revestida em sua originalidade, solidez e encantamento, por um desfile de festas de aniversários, casamentos, natais, bem como toques, cheiros, pinturas, ora vibrante, ora esmaecidas e mapas íntimos, está “inscrita em nós” (Bachelard, 1978, p.28). Assim, o lugar do passado ganha permanência. Não se trata de uma simples forma material, mas de um “lugar que proporciona abrigo” (Tuan, 1983, p.194), experiências espacializadas, emoções, devaneios e reminiscências (Tuan, 1998).

Quando recordamos a casa da infância e da adolescência, falamos da dimensão da residência de outrora, das árvores frondosas, dos pontos de esconderijos, dos referenciais geográficos, da distância ou proximidade com relação à escola, à igreja, a este ou aquele estabelecimento comercial e dos logradouros eternizados em nossos mapas pessoais, além dos acontecimentos íntimos ocorridos “naquela casa”.

Como nas palavras de Tuan (1989, p.114), “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”. As pessoas continuam com os “pés fincados no chão” de suas experiências da infância ou do passado, mesmo após longos anos de afastamento. Tal como em relação ao primeiro amor, que não se esquece, o lugar de nascimento ou do passado continua a ser lealmente cultuado. Por conseguinte, as experiências nos endereços pretéritos são tesouros guardados com muita ternura. Todavia, o mundo familiar de outrora nem sempre confere, quando cotejado em outra época. As árvores ou a casa não possuem as dimensões imaginadas, porém exercem uma forte expressão (Mello, 1991). Longínqua, no tempo, e, ao mesmo tempo próxima/interiorizada, a casa da infância, altamente

significante para a pessoa, pode ser desprovida de notoriedade para os outros; entretanto, para o indivíduo, atado por laços topofílicos ao passado (Tuan, 1980), subsiste como símbolo de identificação imorredoura, ou seja, centro de bem-querência e pertencimento.

Da intimidade “da casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (Bachelard, 1978, p.22) procuremos entender, em outra escala de cumplicidade, os vínculos com os endereços imortalizados na memória do povo carioca. Os exemplos são a antológica Praça Onze, “berço do samba”, e o bairro do Catumbi, igualmente pertencente ao entorno periférico da Área Central do Rio de Janeiro.

A Praça Onze dos “bambas” do samba foi destruída, no início dos anos quarenta, pela avassaladora onda provocada pela reforma urbana ocorrida no centro da “Cidade Maravilhosa”, com vistas à abertura da avenida Presidente Vargas, inaugurada em 1944, durante a administração do prefeito Henrique Dodsworth/gestão Presidente Getúlio Vargas. Para tanto, foram demolidos diversos prédios, arrasados quarteirões, ruas, seis igrejas e destruída uma parte do parque Campo de Sant’Ana (Moura, 1983; Rocha, 1986; Mello, 1991; Abreu, 1997).

As intervenções urbanísticas “realizadas sobre as paisagens herdadas do passado” (Abreu, 1998, p.9) tornaram-se constantes no espaço urbano carioca, com o propósito de se eliminar os vestígios do passado, pleno de vielas acanhadas e lamacentas, espaços encortçados e velhos hábitos substituídos por monumentos magníficos, vias amplas e higiênicas, bairros oxigenados e posturas civilizadas. Por conseguinte, as cirurgias urbanas, nascidas com o propósito de extirpar os males da cidade, encontraram

grande acolhida entre as elites modernizadoras do país, que jamais hesitaram em enfrentar qualquer apego a antigos valores, a antigas ‘usanças urbanas’,

taxando sempre esse comportamento como um indicador de conservadorismo, de atraso, de subdesenvolvimento. (Abreu, 1998, p.9)

Tratava-se, portanto, do repúdio às formas espaciais pretéritas, como escreveu Carlos Lessa, em sua obra *O Rio de Todos os Brasis* (2000). Como resultado, na esteira do tempo, demoliram paisagens de uma vida inteira (Bosi, 1995). Nas últimas décadas, contudo, engajados em um movimento de preservação do passado, encontram-se, lado a lado, historiadores, geógrafos, arquitetos, antropólogos, músicos, museólogos, entidades diversas e o povo em geral, em meio a uma tradição viva e de impacto, capaz de promover um fervor contagiante e de grande pompa, porquanto gravada e insistentemente evocada em livros, na música, na própria paisagem remanescente de outros tempos, nos desfiles populares e em shows. Neste contexto, “paisagens excluídas” (Cosgrove, 1998, p.105) continuam firmes e recebendo adendos, continuidade, acréscimos, renovações e preservação.

Em face da “dimensão lendária” (Rébérioux, 1992, p.53), da Praça Onze e entorno, estes erguem-se, no tempo e no cotidiano, como uma espécie de arquivo temático (Herrera, 1992), ou ainda, um museu, *locus* coletivo, apropriado “usufruído por todos e usado para benefício coletivo” (Kerriou, 1992, p.99). Em outras palavras, tal como uma instituição conservadora do patrimônio cultural, meio educativo e de comunicação (Halbswachs, 1990; Kerriou, 1992), o lugar embrionário do samba, a despeito da pulverização de sua forma material, persiste pulsante e vivo na memória das pessoas e das instituições. A idéia pode ser fundamentada com base nas palavras de Jenks, reproduzidas por Harvey (1993, p.86): todos trazemos

um musée imaginaire na mente, extraído da experiência (muitas vezes turística) de outros lugares e do conhecimento adquiri-

do em filmes, na televisão, em exposições, em brochuras de viagens, revistas populares etc. (Harvey, 1993, p.86)

Quadros, fotos, livros, músicas, filmes e a oralidade evocam o passado. Nesses fluxos entre o passado e o presente, somos inundados pela magia de outrora e pelos significados exibidos pelos lugares pretéritos. Trata-se de um esforço não apenas de preservação do passado, mas, como sublinha Harvey (1993, p.85) recorrendo a Rossi, parte

do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva; objetos do passado são a fonte de significação como símbolos culturais. (Harvey, 1993, p.85)

Os sambas enredo são, possivelmente, os documentos, registrados pela indústria fonográfica, mais insistentes na busca e na restauração da Praça Onze. Praticamente, a cada ano, há pelo menos um exemplar, no desfile do “maior espetáculo da terra”, tecendo loas ou algum aspecto memorialístico sobre o lugar sagrado do samba, rendendo-lhe homenagens, contribuindo para transformá-lo em lugar eternizado na memória.

A Praça Onze, endereço domiciliar e centro de lazer para a gente mais simples, era um ponto de resistência à cultura europeizada de outros locais da cidade, efetivado em seus cortiços, bares, cabarés, com as diversas manifestações da cultura negra esnobadas pelo restante da cidade e perseguidas pela polícia, como os jogos de capoeira, o candomblé e o samba, derivado do batuque. Em seu perímetro, também conhecido como parte da “pequena África do Rio de Janeiro”, encontravam-se compositores notáveis como Pixinguinha, João da Baiana, Sinhô, Heitor dos Prazeres e outros ilustres produtores da música popular, incorporados à magia do lugar (Moura, 1983).

Ponto aglutinador de negros, ao final do século XIX e início do século XX, todo o conjunto da Praça Onze e redondezas foi denominado, pelo compositor Heitor dos Prazeres (Moura, 1983), de “pequena África do Rio de Janeiro” ou uma “África em miniatura” por concentrar, em seus domínios e nos bairros vizinhos, um enorme contingente de negros libertos da escravidão ou egressos das plantações de café do Vale do Paraíba ou de uma grande seca ocorrida na Bahia (Tinhorão, 1972; Moura, 1983; Rocha, 1986; Mello, 1991).

Nos dias de hoje, no mesmo local, onde outrora encontrava-se a Praça Onze, há um outro logradouro com o mesmo nome, todavia sem a criatividade e a empatia da anterior, ainda que marcas dos carnavais perdurem em seus arredores, sobretudo na “Passarela do Samba”, com os gigantescos desfiles das escolas de samba, manifestação esta exposta primeiramente em suas cercanias, mais exatamente no bairro do Estácio, com a escola de samba “Deixa Falar” e ainda no “Terreirão do Samba”, uma centralidade esporádica ocorrida no período próximo e durante a folia momesca entre demonstrações de alegria, ritmo e dança, ao sabor de quitutes, bebidas e da batida do samba (Mello, 1995).

A outra ilustração concernente aos endereços imortalizados na memória remete-se ao bairro Catumbi, que amargou ciclos de arrasamentos de vários quarteirões para a inauguração dos túneis Santa Bárbara, em 1963, e Prefeito Martins Vaz, em 1977, afora a edificação de vias expressas. A transformação espacial assistida pelo Catumbi não rompeu de todo com os laços de amizade trançados ao longo de várias gerações de representantes das colônias portuguesa, espanhola, italiana e ciganos sedentários. A reurbanização trouxe os laços de concreto para o fluxo do trânsito, neste espaço não totalmente reestruturado em razão da luta dos comerciantes, padres e populares unidos em torno da Associação de Moradores do Catumbi. Tempos depois, pesquisas e a mídia apontaram, em al-

gumas oportunidades, os antigos moradores mostrando, pesarosos: “aqui era a minha casa”, em pleno (e reurbanizado) espaço coletivo. E, nos dias de hoje, longe dos tempos do canto emocionado e triste de suas grandes procissões religiosas e da alegria/descontração dos famosos carnavais de tempos pretéritos, permanecem cristalizados lado a lado o “antigo” e o “novo” na paisagem do Catumbi, diante das marcas do conflito Estado x comunidade de bairro, através do casario antigo contrastando com prédios e um emaranhado de laços de concreto (Ferreira dos Santos; Vogler, 1981; Nunes, 1978; Mello, 1993).

Em suma, o acesso aos lugares remotos, transfigurados ou destruídos tem sido efetivado em cerimônias diversas, garantindo a compreensão a respeito do fascínio exercido por esses lugares, seja na escala íntima da casa, seja ao nível dos redutos, fontes e desaguadouros da cultura eminentemente popular. Na realidade, tal qual em uma delicada reconstituição arqueológica, os destroços do passado são juntados e recompostos, permitindo o ingresso à magia das preciosidades dos lugares pretéritos, que continuam presentes/interiorizados no íntimo do indivíduo e da coletividade (Mello, 2000).

NOTAS

- * Professor do Departamento de Geografia da UERJ. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: joaobfm@uol.com.br. Encaminhado para publicação em julho de 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplan, 1997. 147 p.
- _____. Sobre a memória das cidades. *Território*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 5-26, janeiro/junho 1998.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Os pensadores. São Paulo: Ática, 181-354 p, 1978.
- BOSI, E. *Memória de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 487p.
- BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (ed.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985a pp. 165-193.
- BUTTNER, A. Hogar, campo de movimiento y sentido del lugar. In: GARCÍA RAMON, M. D. *Teoría y método en la geografía humana anglosajona*. Barcelona: Ariel, 1985b. pp. 227-241.
- COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 5-30, janeiro/junho 1998.
- DANIELS, S. Arguments for a humanistic geography. In: JOHNSTON, R. J. (ed.) *The future of Geography*. London: Methuen, 1985. p. 143-158.
- FERREIRA DOS SANTOS, C. N.; VOGLER, A. *Quando a rua vira casa*. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, 1981. 152 p.
- GODKIN, M.A. Identidad y lugar: aplicaciones clínicas basadas en las naciones de arraigo y desarrollo. In: GARCÍA RÁMON, M. D. *Teoría y método en la geografía humana anglosajona*. Barcelona: Ariel, 1985. p. 242-253.
- HALBSWACHS, M. A. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993. 349 p.
- HERRERA, A. H. Arquivos, documentos e informação. In: HERRERA, A. H. (Org.) *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH/SMC, 1992. p. 113-120.
- KERRIOU, M. A. Museu, patrimônio e cultura: reflexões sobre a experiência mexicana. In: KERRIOU, M. A. (Org.) *Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH/SMC, 1992. pp. 89-100.
- LESSA, C. *O Rio de todos os Brasis*. Rio de Janeiro: Record, 2000. 478 p.
- LOWENTHAL, D. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- MELLO, J. B. F. de. *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística*, 224 folhas. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
- _____. A humanização da natureza: uma odisséia para a (re)conquista do paraíso. In: SILVA, S. T. *Geografia e questão ambiente*. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.
- _____. Explosões e estilhaços de centralidades no Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 23-44, outubro 1995.
- _____. *Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade - o universo da estrela Marlene como palco e*

- documento para a construção de conceitos geográficos. Tese (Doutorado em Geografia) Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- MOURA, R. *Tia Ciata e a pequena África do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983. 110 p.
- NUNES, G. *Catumbi – rebelião de um povo traído*. Petrópolis: Vozes, 1978. 196 p.
- RÉBÉRIOUX, M. Os lugares da memória operária. In: RÉBÉRIOUX, M. (Org.) *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: DPH/SMC, 1992. p. 47-56.
- ROCHA, O. P. A era das demolições – cidade do Rio de Janeiro 1870/1920. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1986. 120 p.
- SCHUTZ, H. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 396p.
- TINHORÃO, J. R. *Pequena história da música popular*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- TUAN, Y. F. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980. 228 p.
- _____. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.
- _____. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (ed.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 143-164, 1985.
- _____. *Morality and imagination-paradoxes of progress*. London: The University of Wisconsin Press, 1989. 209 p.
- _____. A View of Geography. *Geographic Review*, v.81, n.1, p. 99-106, 1991.
- _____. *Escapism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998. 245 p.
- WAGNER, H. R. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 396 p.

ABSTRACT

The article, which has views to the rescue of memory places of the past, bases itself on the beginnings of the Humanistic Geography, using the concept place as a resource to explore / to unmask intimate and collective geographies, in present or past times, using different patterns, whether it is

the childhood's adolescence's house, as well as a familiar public area to the carioca culture and powdered in its material form, or a neighborhood of the Rio de Janeiro city.

KEYWORDS

Memory; place; humanistic geography; house; Rio de Janeiro.